

Léo Gilson Ribeiro — **Cronistas do Absurdo** (Kafka, Büchner, Brecht e Ionesco). Rio, José Álvaro Editor S.A., 1964, 202 pp.

Esplêndido guia de introdução crítica à obra ficcionista de alguns dos mais incontestáveis testemunhos do caos em que mergulha a consciência contemporânea, este **Cronistas do Absurdo**, (auspiciosa estréia, em livro, de Léo Gilson Ribeiro) constitui-se num alto exemplo de atividade crítico-ensaística.

Debruçando-se sobre textos de Kafka, Büchner, Brecht e Ionesco, entre outros mencionados de passagem, L.G.R. nos convoca para um verdadeiro julgamento de certa faceta da literatura contemporânea: aquela que, esmagada pelo absurdo da vida, procura escamotear ou anular a dimensão humana.

Abre o volume uma breve **Apresentação** de Otto Maria Carpeaux, por onde nos inteiramos de que "Léo Gilson Ribeiro considera seus estudos como trabalho de ensaística" e não propriamente de crítica, pois está êle entre os que aceitam que "não existe interpretação definitiva de uma obra de arte", pois a "ciência literária sempre ficará limitada, por um lado pelo caráter provisório de seus resultados (...) e por outro lado, pelo fator subjetivo de seus resultados estarem consubstanciados em escritos de índole literária, em ensaios. E, pois, através de um estilo dúctil e sóbrio, que revela o pulso do verdadeiro escritor, que L.G.R. vai-nos desvendando os mistérios, subjacentes em obras onde "a palavra passa a ser o espetáculo em si", ou então um símbolo enigmático.

O universo simbólico kafkiano é o primeiro a nos ser devassado, através de dois ensaios: **O Mundo Demoníaco de Kafka** e **A Busca do Absoluto Perdido**. Universo que, iluminado pela acuidade crítica do Ensaista, se nos revela em seus mais insuspeitados recantos; mostrando-nos em seu "trímônio indissolúvel: vida interior-criação literária-Diário" a figura enigmática e gigantesca de "Franz Kafka, prosador supremo da

literatura alemã e da época moderna, que lançou ao mundo, estarrecido perante o seu Auto de Fé flamejante, um repto incomparável, ferindo a consciência da sociedade, do ser humano individual, no que ela tem de mais sensível e de mais vulnerável: a Presunção, a vaidade, o orgulho do pseudo *homo-sapiens*, do pseudo-cristão, que se considerava representante, na terra, da suprema inteligência divina." (p. 18)

Seguem-se três ensaios acêrca da moderna dramaturgia alemã: um sobre Büchner e dois sobre Brecht. Em *Büchner e a Renovação do Teatro Moderno Alemão*, vemos o trágico dramaturgo alemão projetado no mural evolutivo do moderno teatro de seu país e analisado só em função do binômio que individualiza sua obra ("a preocupação política e social") como também à luz da sua "*Weltanschauung*, da sua dramática e vibrante concepção do mundo."

Da tragicidade negativa a angustiada de Büchner passamos para o "dinamismo vibrátil" de Brecht, o ardoroso apóstolo marxista, em cujas mãos, o Verbo "torna-se um poderoso e dinâmico libelo contra o mundo burguês" e cuja "violência recorda o Verbo inflamado de Lutero, causador da cisão do Cristianismo." (p. 80). Depois de determinar a "latidade artística e humana" brechtiana, plasmada pela crença de que "o mundo foi feito pelos homens e pode ser mudado pelos homens" (p. 79), L.G.R. analisa a *Opera de Três Vinténs* e o Galileo, determinando assim "os limites temporais de sua trajetória (de Brecht) como dramaturgo" e assinalando "dois momentos supremos de sua criação teatral." (p. 103) Tanto neste como nos demais ensaios desta coletânea, L.G.R. consegue, pela análise perscrutadora chegar à síntese plena dos autores e obras, deixando-se guiar sempre pela aceitação de que "cada artista tem, por assim dizer, seu encontro individual com a Verdade, matizado pela sua concepção do mundo e pela coloração histórica própria à sua época. (...) E essa verdade comum que, como sangue vivificador, anima todo o corpo da Arte, é, a partir do período barroco a consciência de uma época documentada." (p. 78)

É, portanto, a consciência da época contemporânea documentada em alguns de seus mais impressionantes profetas, o que, em última análise, nos oferece este **Cronista do Absurdo**.

É em Ionesco, o **Cronista do Absurdo** e o **Teatro de Vanguarda Francês** que essa consciência assume dimensões realmente asfíxiantes. De maneira objetiva e ampla, L.G.R. analisa as características e raízes desse teatro de vanguarda, mostrando-nos como e porque, "não formulando teorias políticas nem se filiando a valores religiosos — as duas determinantes do nosso tempo — (esse teatro) cria o vácuo em torno a si, volta-se contra si mesmo num suicídio por meio do nihilismo total." (p. 133) Estabelecendo, ainda, um paralelo entre Brecht e os escritores de vanguarda na França, principalmente Ionesco e Beckett, o Ensaísta conclui: "Ao contrário de Brecht, porém, Beckett e Ionesco se entregam à constatação da existência do bêco sem saída, do protesto ético ineficaz e da impotência do teatro como meio de transformação social da comunidade humana. Presos ao degrêdo interior da solidão do ser humano, da sua incomunicabilidade e da carência de valores espirituais que o mantêm vivo (fora da acepção puramente biológica deste termo), estes sombrios dramaturgos são os documentadores da angústia de uma humanidade sobre a qual se ergue o cogumelo negro da explosão atômica." (p. 134)

E ao analisá-los, L.G.R. consegue recriar a atmosfera deformadora e opressiva que emana dessa dramaturgia, onde a palavra já não expressa mais nada que tenha sentido lógico ou racional, onde a incomunicabilidade é levada ao seu mais alto grau de exacerbação e onde os seres humanos são relegados a um estágio sub-humano, mostrados como “a própria expressão deste meio-século de angústia em que a humanidade conheceu em 50 anos, mais horrores do que em 50 séculos anteriores.” (p. 146)

Encerram o volume, dois densos ensaios acêrca do Romantismo e do Expressionismo alemão: **O Colorido Individual do Universo — O Romantismo na Alemanha e Delírio e Tr^{ans}figuração — O Expressionismo na Poesia e na Pintura Alemãs: Stader, Hayn.**

Partindo do exame das afinidades eletivas que identificam o Expressionismo alemão com o seu Romantismo, L.G.R. procura mostrar como essas duas manifestações literárias brotam de uma mesma fonte: a **busca de um Absoluto** determinada pelo “desejo de espiritualização e de transcendência do real que constituem a característica fundamental da Arte alemã, em oposição à concepção de vida e à concepção estética da civilização mediterrânea.” (p. 151)

Depois de definir esteticamente o movimento romântico através de seus artistas mais representativos, L.G.R. apresenta-nos traduções de textos e depoimentos sobre o Expressionismo Alemão, inéditos em português, no afã de “situar claramente a poesia expressionista no quadro geral da evolução da poesia na Alemanha.” (p. 166) E para isso segue a “**profunda metamorfose** sofrida por esse gênero literário” desde o período medieval até “as conquistas artísticas dos **poetas e pintores malditos** da segunda década do nosso século.” (p. 170) E termina com uma citação de Maritain que, realmente, sintetiza a essência de tão complexa manifestação literária: “o Expressionismo esforça-se por imitar, à sua maneira, a condição peculiar aos espíritos puros: ele extrai beleza das coisas feias e monstruosas, tenta superar a divisão entre o Belo e o Horrendo, absorvendo a feiura em uma categoria superior da Beleza e transferindo-nos além do esteticamente Belo e Feio. Com outras palavras: a Arte moderna luta para sobrepujar a distinção existente entre beleza estética transcendente e por assimilar a estética na transcendência.” (p. 202)

Fela unidade e amplitude de espírito que rege seu pensamento crítico, pela envergadura de uma cultura bem assimilada, como a que seus ensaios revelam, L.G.R. é, decididamente, um ensaísta que lemos com prazer e proveito, pois pertence ele à linhagem dos que conseguem extrair dos temas abordados os seus filões mais fecundos e ricos e provocar nosso interesse para novas investigações e novas buscas.

(Nota: Os grifos são do próprio texto.)